

# Rato de luvas



**JOSÉ SARNEY**

Senador do Amapá pelo PMDB, é presidente do Senado

**H**oje, vou entrar no assunto do Delfim, o mestre dos mestres em economia. Acabo de ler nos jornais um assunto complicado que não consegui entender completamente: as economíadas, mistura de economia e olimpíada.

Os professores Andrew Bernard, da Tuck School, e Meghan Busse, da Universidade da Califórnia, construíram um modelo em que é possível calcular a previsão das medalhas olímpicas com base em dados econômicos. Não sei se é assim, mas uma mistura de economia e esportes olímpicos leva a indicadores que podem estabelecer uma relação causal entre medalhas e índices econômicos. Podíamos fazer a seguinte ilação: juros médios levariam a bronze; exportação, a prata; e desenvolvimento alto, a ouro. Desemprego, juros altos, crédito curto e bolso vazio são fiascos, não classificam para as finais, desqualificam a equipe. Não sei, também, se há semelhança entre modalidades.

Assim nossa luta com o FMI, bola para cá, bola para lá, Rato, diretor do Fundo, avança para cortar e Palocci recebe o saque. O FMI assim é voleibol de areia. Outra coisa é a teoria de concentração de renda e de medalhas. Os professores afirmam que em 1904 os Estados Unidos cresciam e tinham 74% das medalhas, e agora, em 2004, com Bush e a alta do petróleo, só chegaram a 35%.

De qualquer maneira, essa teoria não bate com o que acontece no Brasil. Os juros baixaram, a inflação idem, o desemprego também, o crescimento voltou com a força de 5%, coisa que não acontecia há uma década, quando patinávamos nos 2%.

E o nosso desempenho, embora não seja desprezível, não mostra o ouro do nosso resultado econômico. Chegou o senhor Rato para ver o nosso queijo e derramou-se em elogios. Ele chegou de luvas por causa de uma alergia e o Palocci concluiu que não era do Brasil e acenou em não querer mais acordo com o Fundo. E recebeu antialérgico genérico, desses que dão mais coceira.

O comentário que restou é que o Fundo não é mais o mesmo: usa luvas, Rato almoça com o presidente e rasga-se em louvores ao Brasil, acenando em rever as metas para aumentar os investimentos e diminuir o superávit fiscal.

Mas, para voltar ao nosso tema inicial das olimpíadas e da economia, vamos verificar que o modelo que montaram não levou em consideração a teoria da relatividade porque, se a nossa Daiane não tivesse tido a falta de sorte que teve colocando seu pezinho mágico fora daquela linha, podíamos estar com juros altos e risco 3.000, mas o Brasil estourava e a teoria vinha abaixo.

E o que não dizer do nosso Ronaldinho, sonâmbulo em Paris, 1998, e depois com aquela



rótula quebrada e morrendo de dor?

Verdade seja dita que, com economia ou sem economia, devíamos investir mais em nossos atletas, estimular academias, recrutar vocações em todos os segmentos sociais, de modo a sermos uma potência olímpica. Não só o país do futebol, mas da ginástica olímpica, da natação, do basquete

e das nossas meninas que brilharam tanto no futebol, no vôlei e no judô, no atletismo e em todas as modalidades.

E, cá para nós, esses professores americanos não entendem de futebol nem de olimpíadas e essas tais de economíadas só o Garincha entenderia, perguntando se combinaram com o adversário.